

RESISTÊNCIA MOÇAMBICANA AMEAÇA RECORRER À GUERRILHA URBANA

**Para forçar
a queda
de Machel**

A Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO) revelou ontem que as suas forças mataram ou capturaram cerca de 600 soldados governamentais moçambicanos durante o mês de Março e destruíram 257 camiões de 17 tanques soviéticos T-54, em combates no Sul do país.

Em comunicado distribuído em Lisboa, a RENAMO afirma que está a «intensificar a sua luta em Moçambique... cortando estradas e os acessos ferroviários, à capital (Maputo) para a estrangular e provocar o colapso do regime do presidente Samora Machel. E alega que as baixas governamentais entre mortos e capturados oscila entre os 1100 desde o princípio de Março.

Desmentindo recentes vitórias dos soldados governamentais, a RENAMO desafia Maputo a permitir à Cruz Vermelha Internacional ou à Amnistia Internacional a visita aos 3500 guerrilheiros que o Governo declarou ter capturado.

A RENAMO afirma que dá total apoio ao Comité Internacional da Cruz Vermelha para ajudar as vítimas da seca em Moçambique,

mas insiste que tal ajuda deverá passar pelas áreas em poder dos rebeldes.

As vítimas da seca nos últimos meses ascendem a 100 mil mortos, e fontes independentes acusam a RENAMO de perturbar os esforços de auxílio em curso.

A RENAMO declara que vai alargar a sua guerra de guerrilha, adoptando a «guerrilha urbana» na capital contra «alvos económicos e políticos».

Há duas semanas, a RENAMO colocou o Maputo às escuras durante sete dias mercê de sabotagem contra instalações eléctricas. Foram então afectadas cerca de um milhão de pessoas residentes na capital.

VERSOES CONTRADITORIAS SOBRE O ATENTADO DO HUAMBO

O ataque à bomba da UNITA no Huambo matou 24 civis cubanos e angolanos, segundo noticiou ontem a agência noticiosa governamental angolano ANGOP.

Os explosivos rebentaram num veículo

estacionado no exterior de uma residência para técnicos estrangeiros, na maior cidade do centro de Angola, refere a agência.

A notícia da ANGOP, divulgada vários dias depois do atentado, contradiz as versões da UNITA e de agências noticiosas da União Soviética e Jugoslávia.

Com efeito, a UNITA disse que a explosão provocara a morte de cerca de 200 pessoas, entre as quais dois soviéticos de alta patente e militares cubanos. Por seu turno, a «Tass» informou no domingo que tinham morrido mais de cem pessoas, mas não especificou quais as nacionalidades. A «Tass» que costuma manter silêncio sobre as acções da guerrilha anti-soviética, referia que os explosivos tinham sido colocados perto de um edifício de apartamentos onde residiam cooperantes civis cubanos.

Segundo a agência jugoslava Tanjung, morreram 20 cubanos e 10 angolanos.

O atentado ocorreu, segundo a ANGOP, na quarta-feira à noite e, segundo a UNITA, na quinta-feira à noite.

A ANGOP diz que as vítimas cubanas trabalhavam na construção, na saúde e no ensino. Os angolanos era estudantes e trabalhadores.